

Bilad Al-Zandj. Um ensaio sobre a costa oriental africana e seus habitantes à luz dos primeiros relatos árabes, nos séculos IX e X.

José Guilherme Rodrigues da Silva (Doutorando UFES)

RESUMO: Os séculos IX e X testemunharam o surgimento do “mundo islâmico”. Grande parte da população dos califados abraçou a religião muçulmana e a língua árabe se difundiu como o meio de expressão das boas letras. Nesse período foram escritos os primeiros relatos árabes de viagens, em busca de conhecimento, que incluíam as *bilad al-Zandj*, “regiões dos *zandjs*”, denominação do leste da África. **Palavras-chave:** Leste da África; *Zandj*; geografia árabe.

ABSTRACT: The 9th and 10th centuries testified the birth of the “Islamic world”, when most part of the caliphates population adopted the Muslim Religion and the Arabic turned to be the main cultural vehicle of literature. In this period were written the first Arabic reports about travels in search of knowledge, which included the *bilad al-Zandj*, “Zandj regions”, as eastern Africa was nominated.

Keywords: East Africa; *Zandj*; Arab geography.

Introdução

Entre os séculos IX e X – séculos III e IV AH – surgiu, de forma reconhecível, o que Hourani denominou de “mundo islâmico” – uma identidade comum sob a *umma*, a comunidade dos fiéis. No final desse período, grande parte da população dos domínios dos califados, tanto nas cidades quanto nas áreas rurais, tornou-se muçulmana. A língua árabe havia se difundido junto com o islamismo¹, espalhando-se como língua falada², em dialetos produzidos pela combinação entre línguas locais e o árabe, e como língua escrita³, com unidade e continuidade preservadas pelo Corão (HOURANI, 2016, p. 76-90). Nesse período, os termos “árabe” e “arábico” passaram a incorporar sentidos mais amplos, significando desde indivíduos nascidos na Península Arábica até qualquer pessoa para a qual a língua árabe havia se tornado “o principal meio de expressão de uma alta cultura literária” (HOURANI, 2016, p. 78)⁴.

Esse é o contexto, nos séculos IX e X, em que surgem os primeiros relatos árabes⁵ sobre o mundo islamizado⁶ e outras regiões, entre elas as *bilad*

1

Ou, em alguns lugares, mesmo antes do islamismo, segundo Hourani (2016, p. 77).

2

Apesar de enfrentar uma barreira no Irã, onde o persa persistiu como língua falada e ressurgiu como língua literária islamizada (HOURANI, 2016, p. 78).

3

Sem conhecer barreiras (HOURANI, 2016, p. 78).

4

Existem, é claro, nuances – como nos textos de al-Jahiz, sobre os quais falaremos à frente –, assim como em outras literaturas, por exemplo, nos registros de termos dialetais ou acreções provenientes de outras línguas, como o persa. Ver sobre isso, por exemplo, Pellat (1953, p. 125 e ss.).

5

É com o sentido amplo, citado mais acima, que utilizaremos o termo “árabe”. Podemos fazer uma comparação entre o termo “árabe” – por exemplo, em “literatura árabe”, ou “autor árabe” – com os termos “latino” e “latina” – por exemplo, em “autor latino”, ou “literatura latina” –, os quais abarcam autores que escreveram em latim, como Plauto, Catão, Cícero, César, Terêncio e Ênio, provenientes de regiões diferentes, não necessariamente do Lácio.

6

al-Zandj, a região costeira leste da África (TOLMACHEVA, 1986, p. 105-107; MASAO; MUTORO, 2000, p. 595-599). Fazemos aqui um ensaio sobre esses relatos⁷, os quais permitem observar as inter-relações culturais e as representações árabes dos povos africanos, os registros textuais mais antigos das *bilad al-Zandj*.

Essas inter-relações, e as representações decorrentes, foram provocadas e favorecidas por empreendimentos comerciais, nos quais os viajantes carregavam, além de mercadorias, um desejo cada vez maior de conhecimento (*'ilm*), o que terminou por produzir o conceito de “viagem em busca de conhecimento” (*al-rihla fi ṭalab al-'ilm*) no Islã medieval (NETTON, 1995, p. 528). Como resultado, surgiu um novo gênero literário, a *rihla*, cujos primeiros impulsos de desenvolvimento foram as peregrinações – principalmente a Meca, *Hajj*⁸. É significativo que vários versos do Corão associem viagem e conhecimento, e que na literatura *hadith*⁹ encontremos essa associação. Por exemplo, no século IX, muito antes da *rihla* se tornar um gênero literário, ao menos quatro *ahadith*¹⁰ relacionaram a prática de viajar ao deleite divino e ao caminho para o paraíso e o perdão (EUBEN, 2006, p. 35)¹¹. Esse ensaio trata de

⁷ *Dâr al-Islâm*, a “Morada do Islã”, as regiões controladas pelos califados. *Dâr*, em árabe, significa, nessa acepção, “residência”, “habitação”, “casa”, etc (STEINGASS, 1884, p. 350).

⁸ Utilizaremos apenas as fontes traduzidas do árabe. Outras existem, mas apenas em árabe.

⁹ Os expoentes principais da *rihla* seriam ibn Djubayr, entre os séculos XII e XIII, e ibn Battuta, no século XIV (NETTON, 1995, p. 528).

¹⁰ Coleção de relatos das palavras e dos atos de Maomé colecionados e registrados, durante séculos, após sua morte (EUBEN, 2006, p. 35). No caso dos *ahadith* – plural de *hadith* –, o conhecimento é religioso. Porém, é difícil separar de forma clara o conhecimento religioso do secular nesse caso, pois, em termos do Islã, segundo Euben, “todo conhecimento humano, seja de coisas divinas ou puramente mundanas, deriva, em última instância, de Deus, de forma que todos os objetos potenciais do conhecimento humano são, eles mesmos, aspectos da criação divina”. Além disso, também em termos do Islã, a exortação à viagem e ao conhecimento, unida à onisciência de Deus, “prescreve humildade em vez de ignorância” (EUBEN, 2006, p. 35).

¹¹ Conforme comentamos na nota anterior, plural de *hadith*.

Centenas de anos depois, nos primeiros anos do século XVI, o termo *rihla* seria canonizado na literatura *hadith* com o significado de fascinação pela viagem, em uma narrativa na qual o Profeta Maomé incentiva os fiéis à indagação para a iluminação, mesmo em lugares tão

viagens anteriores ao surgimento da *rihla*, mas que sem dúvida fazem parte do processo de produção daquela literatura.

***Bilad Al-Zandj* na geografia árabe**

Desde a conquista árabe no século VII, as “terras aluviais” da antiga Mesopotâmia sassânida eram denominadas *al-'Irâq* (LE STRANGE, 1905, p. 3). Basra, o porto mais importante de *al-'Irâq* – que denominaremos de Iraque –, era uma das povoações de onde os conquistadores árabes exerciam sua autoridade, primeiro os omíadas, sucedidos pelos abássidas a partir de meados do século VIII (HOURANI, 2016, p. 45). Sob os abássidas, além de Basra, Siraf, na costa persa, também foi um dos principais centros de organização do comércio oceânico. Desses dois portos, assim como de Omã, partiam os mercadores para a Península Arábica, para o leste da África e para o Oriente, através do Oceano Índico, durante séculos a principal rota de comércio de longa distância. Após o retorno, os produtos comercializados em Basra eram transportados por rota fluvial até Bagdá, e então, por rotas de longa distância terrestres, para outros centros (HOURANI, 2016, p. 72-73, 132)¹².

Bilad al-Zandj, “regiões dos *zandjs*”¹³, era como os árabes denominavam o leste da África, desde o rio Juba, ou do rio Shebelle¹⁴, até Sofala – antigo porto na costa de Moçambique atual –, e *zandjs* era como identificavam os africanos que habitavam essa região (MASAO; MUTORO, 2000, p. 595; TOLMACHEVA, 1986, p. 105)¹⁵.

longínquos quanto a China (NETTON, 1995, p. 528; EUBEN, 2006, p. 35).

¹²

Hourani (2016, p. 73) cita a Síria, o Egito, Constantinopla, Trebizonda, Nishapur, a Ásia Central e a China.

¹³

Al-Zandj, *al-Zindj*, *Zendji* ou *Zanj*, dependendo das traduções. *Balad* (plural *bilad*) significa “cidade”, “distrito”, “província”, “região” (STEINGASS, 1884, p. 139).

¹⁴

Esse limite norte depende do autor, mas ambos estão localizados no sul da atual Etiópia.

¹⁵

Nos textos árabes, o termo *zandj* é encontrado também como referência aos escravos do califado – como nos textos de al-Jahiz, que veremos a seguir – e aos grupos do Sudão

Primeiros relatos árabes

A menção mais remota em textos árabes sobre a região de *Zandj* encontramos em uma passagem de al-Fazari¹⁶, astrônomo do final do século VIII, preservada em um testemunho de al-Mas'udi (TOLMACHEVA, 1986, p. 105). Trata-se de uma das mais antigas listas de regiões em uma fonte árabe, na qual al-Fazari registra as dimensões de várias regiões da Europa, da Ásia e da África, entre elas as dimensões de *Zandj* (PINGREE, 1970, p. 116-117)¹⁷. Cerca de oitenta anos depois, em meados do século IX, al-Jahiz¹⁸, muito provavelmente descendente de negros escravos, escreveu sobre os negros de *Zandj* que viviam em Basra¹⁹. Al-Jahiz é representante de um novo tipo de literatura denominada *adab*²⁰, praticada à luz da fé islâmica, a qual tinha como objetivo edificar e divertir e cujos insumos provinham dos diferentes povos e

ocidental (TOLMACHEVA, 1986, p. 105). A etimologia do termo não é árabe, e apesar de desde pelo menos o século XIX o termo ser relacionado à língua etíope, sua raiz continua obscura (MASAO; MUTORO, 2000, p. 595).

16

Muhammad ibn Ibrahim al-Fazari era perito em estrelas, fazia previsões do futuro e escreveu um poema astronômico ou astrológico em dez volumes. Segundo seus biógrafos antigos, foi o primeiro astrônomo do Islã, florescendo no final do século VIII (PINGREE, 1970, p. 103-104).

17

De acordo com Pingree (1970, p. 117), a lista “reflete claramente a situação política em torno [do ano] de 788”. Falaremos de al-Mas'udi mais à frente, no texto.

18

Abu 'Utman 'Amr ibn Bahr al-Kinani al-Fuqaimi al-Basri, conhecido como al-Jahiz. Pellat (1953, p. 53, 55) acredita ser possível que os ancestrais distantes de al-Jahiz tenham sido “escravos negros de extração africana”. Hourani (2016, p. 83), por outro lado, é positivo ao afirmar que al-Jahiz era descendente de uma “das famílias africanas de origem escrava ligadas às tribos árabes, mas há muito tempo completamente arabizadas”. Al-Jahiz foi criado em Basra e, posteriormente, viveu sob a proteção de um califa (HOURANI, 2016, p. 83).

19

Mais de duzentas obras são-lhe creditadas, em diferentes disciplinas, a maior parte desaparecida (MUHAMMAD, 1986, p. 48, 50).

20

O termo se refere à boa educação, à correção, às maneiras refinadas, à polidez, à busca pelo saber literário (STEINGASS, 1884, p. 21). Segundo a tradução de Massé, Al-Faqih – sobre o qual falaremos mais à frente –, no início do século X, escreve: “A cultura [*adab*] é o fruto da nobreza das ambições” (*Livro das regiões*, Introdução, 4), e “Eu não vi nada que convidasse mais a aprender a literatura [*adab*] que o fato de que os soberanos pesquisam quem a conhece e o recompensam” (*Livro das regiões*, Introdução, 5).

regiões englobados pela difusão do Islã e de seu Império (HOURANI, 2016, p. 82-83).

Os *zandjs* de Basra sobre os quais al-Jahiz escreveu eram escravos provenientes da costa leste africana, aprisionados ao menos desde o século VII. Existem registros de três revoltas desses escravos na região do Iraque: a primeira entre 689 e 690 – 70 AH –, a segunda em 694 – 75 AH –, e a terceira, a mais violenta, de 869 a 883 – 254 a 270 AH (POPOVIC, 2002, p. 445-446)²¹. Voltando à al-Jahiz, sua obra, *As virtudes daqueles de pele escura sobre os de pele clara (Fakhr al-Sudan ala al-Bidan)*, é talvez o primeiro tratado árabe especificamente sobre africanos. Al-Jahiz aplica o termo *sudan*, “de pele escura”²², a indivíduos africanos (incluindo etíopes e egípcios coptas), indianos (e outros indivíduos asiáticos) e árabes, embora esses últimos sejam considerados por ele, de forma geral, como *bidan*, ou seja, “de pele clara”²³ (PELLAT, 1953, p. 41-42).

As principais virtudes percebidas por al-Jahiz nos indivíduos de pele escura são aquelas requeridas em um árabe “ideal”: generosidade, boas maneiras e oratória. Atribui superioridade aos africanos nessas qualidades, como também em força física, na arte da dança e no bom humor. Glorifica também as mulheres negras da Etiópia, e outras de pele negra. Além disso, faz uma lista de animais, vegetais e coisas que, advoga, são preferíveis na cor negra em termos de beleza, força, utilidade e tranquilidade (MUHAMMAD, 1986, p. 50)²⁴:

21

Al-Tabari (Abū Já'far Muhammad ibn Jarīr al-Tabarī), nascido no Tabaristão (região da Pérsia, na costa sul do Mar Cáspio), e autor de obras religiosas e históricas, é nossa principal fonte sobre essa última revolta (ROSENTHAL, 1989, p. 80 e ss.). A narrativa está incluída em seu tratado *História dos profetas e dos reis (Ta'rikh al-rusul wa'l-mulūk)*.

22

É um termo no plural. O masculino singular é *aswad*, e o feminino é *sawdae* (MUHAMMAD, 1986, p. 49; STEINGASS, 1884, p. 43).

23

Termo no plural. De acordo com Muhammad (1986, p. 49), *bidan* é traduzido com frequência, e de forma errada, como “brancos”.

24

E afirma que os árabes eram mais inclinados a casar com mulheres de pele negra antes do advento do Islã (MUHAMMAD, 1986, p. 50).

Todos concordam que não existe povo na terra cuja generosidade é tão universalmente bem desenvolvida quanto o *zandj*. Esse povo tem um talento natural para dançar ao ritmo do tamborim, sem necessidade de aprender a tocar. Não existem melhores cantores em nenhum lugar do mundo, nenhum povo mais polido e eloquente, e nenhum povo menos dado à linguagem insultante. Nenhuma nação pode suplantá-los em força corporal e resistência física. Um deles levanta grandes blocos e carrega cargas pesadas, as quais estariam além da força da maioria dos beduínos ou membros de outras raças²⁵. São corajosos, enérgicos e generosos, virtudes da nobreza, e também de boa índole e pouca propensão ao mal. São sempre alegres, sorridentes e sem malícia, sinais de caráter nobre. [...] Os *zandjs* dizem aos árabes: vocês são tão ignorantes que durante a *jahiliyya*²⁶ vocês nos tomaram como seus iguais, quando foi necessário casar mulheres árabes, mas, com o advento da justiça do Islã, vocês decidiram que essa prática era ruim. Porém, o deserto está cheio de *zandjs* casados com esposas árabes, e eles têm sido príncipes e reis, e têm salvaguardado seus direitos e os protegido contra seus inimigos. [...] Deus, que Seja Exaltado, não os fez [os *zandjs*] negros para desfigurá-los; em vez disso, seu ambiente os fez dessa forma. A melhor evidência disso é que existem tribos negras entre os árabes [...]. Branco e negro resultam do ambiente, das propriedades naturais da água e do solo, distância do sol e intensidade do calor. Não existe questão de metamorfose, ou de punição, desfiguração ou favor dispensado por Deus.

Al-Jahiz distinguiu entre os negros africanos quatro categorias, ou proveniências, *qunbula*, *langawiyya*, *naml* e *kilab*, termos não identificados em outras fontes (PELLAT, 1953, p. 41-42). Para ele, os árabes não conheciam os verdadeiros *zandjs*, e sim²⁷ apenas “os cativos trazidos dos litorais, das selvas e

25

Utilizamos aqui a terminologia que encontramos na tradução, nesse caso, na página da internet *Medieval sourcebook* (<https://sourcebooks.fordham.edu/source/860jahiz.asp>), que se encontra em uma de nossas referências sobre al-Jahiz.

26

Tempo e sociedade anteriores ao surgimento de Maomé e do Islã.

27

Referindo-se aos escravos que citamos.

dos vales dos rios de Qunbula e da nossa ocupação, nossa gentilha e nossos escravos; o povo de Qunbula não tem nem beleza nem inteligência”. Contudo, segundo ele, o povo *zandj* de *Langawiyya*, os quais os árabes nunca viram, fariam os árabes esteticamente “esquecidos da beleza e da perfeição” (MUHAMMAD, 1986, p. 51). Menciona Qanbalu²⁸ como o porto principal para o qual os navegadores muçulmanos se dirigiam, e Languja²⁹ como sede de um governo constituído por pessoas de pele negra (SAAD, 1979, p, 180, 201, nota 11). A visão de al-Jahiz sobre os *zandjs* não se repetirá. Os autores posteriores nos legarão impressões bem menos indulgentes a respeito dos povos da África oriental.

O século X

No século X, às descrições são adicionados relatos de viagens (TOLMACHEVA, 2015, p. 2). Navios de Siraf e Omã são mencionados pelo historiador al-Mas'udi no contexto do comércio com o leste da África, comércio realizado na época das monções (TOLMACHEVA, 1980, p. 190). Os relatos desse período, feitos por geógrafos e viajantes árabes, deixam claro o exercício do poder naval árabe e de seu comércio para o leste até a China, e para o sul até Sofala (TOLMACHEVA, 1980, p. 191)³⁰.

Contudo, nem todos os escritos desse período provieram de viajantes. Buzurg ibn Shahriyar³¹, persa nascido no Cuzistão³², escreveu, entre os anos

²⁸

“Qanbalu é o nome do lugar no qual seus navios ancoram” (*As virtudes daqueles de pele escura sobre os de pele clara*). Qanbalu é a ilha de Pemba, costa afora do norte da atual Tanzânia (TOLMACHEVA, 1980, p. 191).

²⁹

Em Zanzibar, também costa afora do norte da atual Tanzânia.

³⁰

Segundo al-Mas'udi, todas as vezes que uma montanha é avistada do mar, “dá-se a ela o nome de *Sofalah*” (*Pradarias de ouro*, I, XVI, p. 331-332). Porém, a Sofala referida no texto é a antiga cidade, cujas ruínas encontram-se na costa da atual Moçambique.

³¹

Seu nome, de acordo com a tradição literária, é Buzurg ibn Shahriyar al-Ramhormuzi.

³²

Localizado no sudoeste da Pérsia, às margens do Golfo Pérsico.

900 e 950, o *Livro das maravilhas da Índia* (*Kitab 'ajāyib al-Hind*), uma coleção de relatos relacionados ao mundo do Oceano Índico, desde a África até a China, escritos a partir de narrativas recolhidas de capitães de navios árabes (VAN DER LITH, 1883, p. vi). Buzurg ibn Shahriyar, anotando “tudo que os marinheiros lhe contavam”, incluiu em sua obra “fábulas” e “relatos exagerados”. Contudo, aumentou “nossa ciência da geografia árabe do século X” (VAN DER LITH, 1883, p. vi, xii-xiii).

Segundo Buzurg ibn Shahriyar, no caminho para a região dos *zandjs*, o Mar de Berbera é um dos mais perigosos, devido às “grandes ilhas pertencentes aos *zandjs*” e à água, que “corre com uma corrente muito forte” (*Livro das maravilhas da Índia*, LXIV). A respeito do mar dos *zandjs*³³, escreveu em um de seus relatos fantásticos que existe em abundância o peixe *ouâl*, um “monstro” com cerca de 240 metros de comprimento e 60 metros de espessura, ao qual “agrada esmagar navios” (*Livro das maravilhas da Índia*, IX). Trata-se da baleia – de dimensões certamente fantásticas –, a qual, pensava-se, era um peixe³⁴. Um dos contos que narra (*Livro das maravilhas da Índia*, XXXII), além de evidências da escravização de africanos, fornece-nos interessantes reificações do processo de conversão ao Islã de povos do leste da África – incluindo a prática dos Cinco Pilares islâmicos³⁵. Em outro conto (*Livro das maravilhas da Índia*, XXXIII),

³³

E também do “oceano de Samarcanda”.

³⁴

Por vários séculos, até o século XIII, acreditar-se-ia que as baleias fossem peixes. Não sabemos de que espécie era a baleia comentada pelo autor.

³⁵

Segundo o conto, cujas personagens são os habitantes islamizados da região de Sofala, em 922 ou 923 (310 AH), um capitão e vários marinheiros, saídos de Omã em direção a Qanbalu, foram arrastados por uma tempestade para a costa de “Sofala dos *zandjs*”, região dos “negros comedores de homens”. Seu rei era “um homem jovem, belo e bem feito para um *zandj*”. Foram ordenados a desembarcar com as mercadorias, “vender e comprar”, conseguindo um “comércio excelente [...], sem nenhum entrave, sem direitos a pagar” (uma referência à ausência de impostos e, possivelmente, à prática do comércio sem utilização de moedas). Durante sua partida, após “vários meses” na região sendo bem tratado pelo rei *zandj*, o capitão o raptou juntamente com sete de seus súditos (os quais haviam subido a bordo do navio para se despedir), esperando vendê-los e a suas vestimentas no mercado de Omã. Aprisionou-os com outros escravizados, cerca de duzentos, de forma que, “chegando a Omã, os escravos foram vendidos e o rei com eles”. Passado algum tempo, o navio do capitão foi mais uma vez levado pelos ventos para Sofala. Ao desembarcar, o capitão encontrou o mesmo rei, que lhe narrou como conseguiu retornar. É interessante, na narrativa

Buzurg ibn Shahriyar caracteriza os *zandjs* como “muito hábeis na arte divinatória”, utilizando como exemplo a predição do naufrágio de um navio proveniente de Omã durante seu retorno para a Península Arábica em 943 ou 944 (332 AH)³⁶. É de se notar que um dos capitães de navio existente nos relatos de Buzurg ibn Shahriyar é “da região dos *zandjs*” (*Livro das maravilhas da Índia*, XXXIV). A respeito da natureza, escreveu sobre pássaros carnívoros que caçam suas presas e as arremessam ao chão antes de as devorar, mas que fogem dos *zandjs* por causa de sua feiura (*Livro das maravilhas da Índia*, XXXVI). Falando provavelmente de vulcões, relatou que existe na região dos *zandjs* “duas grandes montanhas, entre as quais há um vale com traços de fogo, repleto de ossos calcinados e peles queimadas”, e que, “em certas épocas, um fogo atravessa esse vale; se existem vacas ou outro gado pastando, e se os pastores são surpreendidos pelo fogo, são todos queimados. Esse fogo aparece em certos dias, correndo como uma corrente” (*Livro das maravilhas da Índia*, XCVIII). Registrou também a existência de ouro³⁷ minerado de aluviões, cuja ocorrência em alguns lugares se igualava a “formigueiros”, sendo que as formigas, “grandes como gatos”, devoravam os mineradores “e os faziam em pedaços”. Segundo ele, em 918 ou 919 (306 AH) uma dessas “formigas”, negra

do rei, o processo de sua conversão ao Islã concomitante ao aprendizado da prática dos Cinco Pilares islâmicos, à medida que foi sendo vendido e comprado por diferentes proprietários. Em Basra aprendeu a rezar, a jejuar e estudou parte do Corão. Em Bagdá terminou sua instrução, aprendeu a falar corretamente e frequentou mesquitas. Conheceu “a história do Templo” e peregrinou até Meca praticando todas as cerimônias. Viajou ao Cairo, de onde seguiu para a “fonte” do Nilo, “na região dos *zandjs*”, próxima a Assuã, “nas fronteiras da terra dos negros” (é notável que nessa passagem o termo *zandj* se refere aos núbios, não apenas aos habitantes da costa leste africana). Após outros acontecimentos, chegou “em uma região que tocava as fronteiras da região dos *zandjs*”, ou seja, próxima ao limite sul de *al-Zandj* e ao seu próprio reino. Surpreso, descobriu que seus súditos não haviam colocado outro rei em seu lugar, pois não tinham “outro rei além de Deus”, e todos haviam abraçado “a religião do Islã”. O rei, atribuindo sua conversão aos seus captores, perdoou-os e enviou através deles dinheiro para indenizar, por sua fuga do Iraque, o homem que o havia comprado – dez vezes a soma que ele havia pagado, “para lhe compensar o atraso” –, praticando, assim, o quinto Pilar (*Livro das maravilhas da Índia*, XXXII).

36

A capacidade divinatória dos *zandjs* aparece também em outra passagem do livro (*Livro das maravilhas da Índia*, XXXII).

37

O ouro de Moçambique será explorado pelos portugueses, séculos depois.

e embalsamada, foi apresentada por um emir ao Califa de Bagdá (*Livro das maravilhas da Índia*, XXXVII).

Diferente de Buzurg ibn Shahriyar, al-Faqih³⁸ foi geógrafo e viajante. Nascido na Pérsia³⁹, em Hamadan⁴⁰, escreveu o *Livro das regiões* (*Kitāb al-Buldān*) aproximadamente em 903 (290 AH), em cinco volumes, todos atualmente perdidos. Possuímos uma versão abreviada, compilada no século XI (VAN LAER, 1984, p. 69). No *Livro das regiões*, al-Faqih nos apresenta sua visão do mundo islamizado, que inclui as regiões controladas pelos califados, além de outras regiões conhecidas, entre elas *Zandj*, o leste da África⁴¹. Para al-Faqih, se alguém não viajou “ao estrangeiro [...], aquilo que se encontra entre a Espanha e a China ficará desconhecido”⁴², como, por exemplo, “os couros da região dos *zandjs*” (*Livro das regiões*, Elogio da extensão da região natal, 50). A respeito das viagens pelo Índico, Al-Faqih comenta as condições para a boa navegação no percurso entre Omã e o leste africano, que incluem vantagens comerciais:

O Mar de *Zandj* forma uma única fossa profunda e vasta, com grandes ondas, e batida por um vento violento. Para ir de Omã para a região de *Zandj* levam-se dois meses; como o mar é profundo, se o vento sopra forte, se as correntes são grandes, se existem vantagens na região dos

38

Ibn al-Faqih al-Hamadani. De acordo com Van Laer (1984, p. 76), o título mais provável de sua obra é *Kitāb Aḥbār al-Buldān – Livro da história das regiões*.

39

Al-‘ajam. O termo *‘ajam* significa “não árabe”, principalmente “persa” (STEINGASS, 1884, p. 675). Possuía sentido pejorativo nos primeiros séculos do Islã. Porém, no século IX, os que não eram árabes, sobretudo os persas, passaram a afirmar sua igualdade social e cultural com os árabes, e mesmo sua superioridade em relação a eles. Com o tempo, os persas adquiriram posições de importância no mundo islâmico, e o termo *‘ajam* se tornou uma designação étnica e geográfica (BOSWORTH, 1984, p. 700-701).

40

A antiga Ecbátana.

41

A primeira referência de al-Faqih aos *zandjs* é obscurecida por uma lacuna no texto (*Livro das regiões*, Criação do mundo, 13).

42

Fora os do norte da Europa, estão incluídos todos os mares e oceanos navegáveis naquela época.

zandjs, se a vela não é recolhida [...], os dias passados na região dos *zandjs* são menos numerosos (*Livro das regiões, Regiões orientais*, 296-297).

Por outro lado, “quem passa da fronteira do Iraque para a região dos *zandjs* é afligido, sem cessar, pelo tempo que lá residir: com efeito, a maior parte daqueles que bebem o vinho e o leite da noz de coco tornam-se insensatos” (*Livro das regiões, A Síria*, 118). Al-Faqih informa que, na língua dos *zandjs*, “*Allah*⁴³ é denominado [...] *lamaklujlu*” (*Livro das regiões, O Egito e o Nilo*, 78)⁴⁴. A respeito dos costumes, escreve que os *zandjs* “andam nus” (*Livro das regiões, O Egito e o Nilo*, 78). Sobre as características éticas e morais marcantes de diferentes povos, faz referência a Platão, utilizando-o como fonte para informações que dificilmente provieram do autor grego: “De acordo com *Aflatun* (Platão), não se conhece [...] tristeza entre os *zandjs*” (*Livro das regiões, Regiões orientais*, 330). Com relação à cor da pele, à qual ligava ao comportamento, suas impressões denotam visões negativas quanto aos *zandjs* e demais povos de pele negra, os quais iguala aos iraquianos ao nascer: “entre eles [os iraquianos] as mulheres, quando concebem, não vão na cozedura [do feto] até queimar; nesse caso, a criança sai entre o preto e o marrom escuro, com um cheiro ruim, cabelos crespos, membros desiguais, um espírito imperfeito, paixões viciosas, como os *zandjs*, os abissínios (*hubšan*) e seus pares entre os negros”⁴⁵ (*Livro das regiões, O Iraque*, 162). Lista, entre os

43

É importante lembrar que “*Allah*” é o termo árabe para “Deus”, não apenas para Deus no islamismo.

44

Segundo o tradutor, Massé, deve-se ler *Mkulu njulu* (*Livro das regiões, O Egito e o Nilo*, nota 16). O testemunho de al-Faqih permite a Masao e Mutoro (2000, p. 598) afirmar que esse é o primeiro registro do termo “Deus” na língua *zandj*, termo, segundo eles, derivado da palavra bantu *mkulu*, “pessoa importante”, a qual, duplicada, produz *mkulunkulu*, que indica alguém muito importante. A forma lexical atual mais próxima desse termo antigo é o termo zulu – uma das línguas bantus – *u-Nkulunkulu*, que expressa o antigo espírito ancestral da humanidade, “o primeiro homem que fez, supõem-se, a maior parte de todas as coisas”. O termo foi adotado por alguns missionários no século XIX para expressar “Deus”, “Criador” (MASAO; MUTORO, 2000, p. 598).

45

Al-Faqih continua suas impressões sobre os iraquianos: “de fato, eles [os iraquianos] ficam no meio, entre uma massa que não cresceu e algo cozida que queimou” (*Livro das regiões*,

defeitos da Síria, “a abundância das pestes”, entre as quais estão “as sarnas da região de *Zandj*” (*Livro das regiões*, A Síria, 118). Em relação à fauna, al-Faqih diz que “as pessoas do Magreb têm [...] panteras da região de *Zandj*” (*Livro das regiões*, Regiões orientais, 252). Acreditava que os crocodilos de água doce, naturais do Nilo e do Indus, e o crocodilo de água salgada, natural de algumas áreas do Oceano Índico, eram da mesma espécie: “Esse animal ferveilha nas baías de *Sindan*⁴⁶ e da região de *Zandj* [...]”⁴⁷. Ainda sobre o Oceano Índico, informa que “o *barastuğ*⁴⁸ [...], procurando a água doce do Tigre [...] atravessa as correntes do mar, nada da região de *Zandj* até Basra, [e] depois que escapa dos pescadores volta à região de *Zandj*” (*Livro das regiões*, Regiões orientais, 296-297).

Outro autor do período que fez várias referências à região dos *zandjs* é al-Mas'udi⁴⁹. Navegador, assim como al-Faqih, Al-Mas'udi nasceu em Bagdá, nos últimos anos do século IX. Compôs, segundo ele mesmo afirma, vinte e três obras, de diversos gêneros (MEYNARD; COURTEILLE, 1861, p. iv). Inseriu em seus escritos suas próprias experiências, que incluíram viagens à costa leste da África (TOLMACHEVA, 2015, p. 2-3). O nome completo da obra que citaremos, é *Pradarias de ouro e minas de pedras preciosas* (I, I, p. 21)⁵⁰. Foi escrita entre 943 e 944 – 332 AH (MEYNARD; COURTEILLE, 1861, p. vii). Al-Mas'udi, assim como outros que escreveram em árabe, intitulava a Etiópia de *Habashat*, topônimo que originou o termo “Abissínia”, e denominava o Oceano Índico de *bahr Habashi* –

O Iraque, 162).

46

Assim como *Sind*, aproximadamente o atual Paquistão.

47

De acordo com al-Faqih, “a existência do crocodilo no Nilo egípcio está ligada à sua existência no *Mihran* [Indus]: esse último é um rio do *Sind*, e é de lá que o crocodilo vem para o Egito” (*Livro das regiões*, O Egito e o Nilo, 63).

48

Peixe marinho não identificado.

49

Seu nome era Abu 'I-Hasan 'Ali ibn al-Husayn al-Mas'udi.

50

Usaremos aqui apenas a primeira parte do título. Em nossas referências, a notação I, VII, p. 163, por exemplo, refere-se ao volume I (da tradução, em nove volumes), capítulo VII, página 163.

Mar da Abissínia (TOLMACHEVA, 2015, p. 3; STEINGASS, 1884, p. 261). Na geografia árabe, vários mares eram comumente englobados sob o topônimo “Mar da Abissínia”, incluindo o “mar de *Zandj*”⁵¹. Utilizando-se da representação árabe dos mares⁵², al-Mas'udi explica que ao final da viagem no Mar de *Zandj* chega-se à ilha de *Qanbalu* e à região de Sofala e dos *Waq-Waq*⁵³, situada nos confins de *Zanguebar* e no final desse braço de mar. Al-Mas'udi diz que ele mesmo fez a viagem, partindo de Sendjar, capital de Omã (*Pradarias de ouro*, I,X, p. 233). Viajou em vários mares⁵⁴, mas nunca conheceu um mar “mais perigoso que esse Mar de *Zandj*” (*Pradarias de ouro*, I,X, p. 234) – corroborando, de certa forma, o testemunho de al-Faqih sobre a natureza do

51

Seguindo essa tradição, al-Mas'udi escreve que o mais “considerável e o mais tempestuoso de todos os mares reunidos sob o nome coletivo de Mar da Abissínia” é o Mar *Larewi*” (o Mar Árábico, parte do Oceano Índico), o “segundo mar”, situado após o Golfo Pérsico (denominado de *baħr al-Fars*, Mar de Fars). Em outra passagem, descrevendo os mares em sequência geográfica, informa que o Mar da Abissínia é conhecido por esse “nome coletivo”, mas “suas subdivisões, que têm nomes particulares, como Mar de Fars, Mar do lêmén, de *Kolzoum* (antiga cidade localizada no limite norte da atual cidade de Suez, no extremo setentrional do Golfo de Suez. A grafia muda de acordo com a tradução: *Kouzum*, *Kulzum*), da Abissínia, de *Zandj*, de Sind, da Índia, de *Kalah*, de *Zabedj* (todos mares do oriente do Oceano Índico, sendo que o Mar de *Zabedj* – *baħr al-Zabedj* – é o Mar de Java) e da China, estão sujeitas a ventos diferentes” (*Pradarias de ouro*, I,X, p. 242-243).

52

Para compreendermos essa representação dos mares transmitida por al-Mas'udi, precisamos da noção árabe de “golfo”. “Golfo”, *joun* em árabe, é a forma que os geógrafos árabes denominavam os mares (em árabe, “mar” é *baħr*, e “mares”, *abħur*) que consideravam uma ramificação do “Oceano Circundante” que envolve a terra, do qual o Oceano Pacífico, considerado por alguns “intransponível”, era importante constituinte. Assim, os mares que navegavam eram representados como golfos, os quais eram constituídos por mares denominados de acordo com a região banhada por suas águas (TOLMACHEVA, 2015, p. 4). Dessa maneira, da Indonésia até a África, existiam o “Mar da China”, “o Mar da Índia” e assim por diante, sendo que, para o oeste, outros golfos se ramificavam. Em sua representação do mundo, “o Mar de *Zandj* e da Abissínia (Al-Mas'udi se refere ao mar da costa leste africana às vezes como “Mar da Abissínia” e “Mar de *Zandj*”, separadamente, e às vezes em conjunto, como na passagem citada) está à direita do Mar da Índia, muito embora esses dois mares comuniquem-se entre si” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 2). De acordo com Tolmacheva, a expressão “à direita” é um indício de que a representação cartográfica de al-Mas'udi está de acordo com a orientação da cartografia árabe mais frequente, ou seja, com o sul representado no topo dos mapas, embora alguns mapas sejam orientados para o leste (TOLMACHEVA, 2015, p. 3).

53

Waq-Waq é a Indonésia (TOLMACHEVA, 1980, p. 191).

54

“o Mar da China, de Bizâncio (leste do Mediterrâneo), dos *Khasars*, de *Kolzoum* e do lêmén”, e correu “perigos sem nome” (*Pradarias de ouro*, I,X, p. 234).

Mar de *Zandj*⁵⁵. É importante perceber que, da forma que todos esses mares se comunicam, sua representação na geografia árabe do período é a de um sistema fechado⁵⁶.

Em relação à região de *Zandj*, al-Mas'udi afirma que o Nilo atravessa uma parte do Sudão “que faz fronteira com a região dos *zandjs*” e “dá nascimento a um braço que vai se derramar no Mar de *Zandj*⁵⁷. Esse mar banha a ilha de *Qanbalu*” (*Pradarias de ouro*, I,IX, p. 205). A ilha, continua al-Mas'udi, “é bem cultivada e habitada por muçulmanos que falam a língua dos *zandj*”. Esses muçulmanos dominaram a ilha, “fazendo cativa toda a população dos *zandjs* na época da conquista da ilha de Creta, no Mediterrâneo, pelos muçulmanos, no começo da dinastia abássida e cerca do final do reinado dos omíadas” (*Pradarias de ouro*, I,IX, p. 205), ou seja, em 827 ou 828 – 212 AH (CANARD, 1986, p. 1082-1084). Continuando, al-Mas'udi, expressando novamente os perigos no Mar de *Zandj*, informa que vários capitães de embarcações de Siraf e de Omã:

que frequentam essas paragens dizem ter observado nesse mar, durante a cheia do Nilo, no Egito, algum tempo antes dessa época, uma corrente de água que é difícil de cortar, por causa de sua rapidez extrema. Essa corrente, que sai das montanhas de *Zandj* e se estende por um quilômetro e meio de largura, é formada por uma água doce e límpida, que se agita no momento da cheia do Nilo no Egito e no Sâid⁵⁸ (*Pradarias de ouro*, I,IX, p. 206).

55

Outra concordância de Al-Mas'udi com outro autor a respeito do Mar de *Zandj*, dessa vez com Buzurg ibn Shahriyar, é a existência, em suas águas, do “peixe denominado *el-owal*” (*Pradarias de ouro*, I,IX, p. 234). Conforme comentamos, trata-se, pela interpretação de Devic, da baleia, que Buzurg ibn Shahriyar caracterizou como “monstro”. As diferentes grafias - *ouâl* na tradução de Devic – devem-se às traduções.

56

Al-Mas'udi, ao escrever que o final da viagem no Mar de *Zandj* é a ilha de *Qanbalu*, a região de Sofala e dos *Waq-Waq*, une o sudeste da África – a região de Sofala – com a Indonésia – a região de *Waq-Waq*. A representação do que hoje denominamos de Oceano Índico era a de um grande mar fechado.

57

Aparentemente, vários rios subsaarianos eram denominados de Nilo.

58

O Alto Egito.

Ao tecer o comentário sobre o “braço [do Nilo] que vai se derramar no Mar de *Zandj*”, al-Mas'udi nos informa o limite norte da região de *Zandj*. Trata-se do rio Juba, ou do rio Shebelle⁵⁹. Mais à frente, determina também o limite sul, ao escrever que ao sul do Alto Egito fica a “região dos abissínios e dos negros, até o local onde o golfo se une à extremidade inferior da região dos *zandjs*, não distante da região de Sofala” (*Pradarias de ouro*, I,X, p. 237)⁶⁰. Em outra passagem, Al-Mas'udi nos informa sobre a migração que deu origem à ocupação das terras dos *zandjs*⁶¹:

Entre todas as tribos de abissínios, os *zandjs* atravessaram o canal que sai do curso superior do Nilo e se joga no Mar de *Zandj*; eles se estabeleceram nessa região e se estenderam até Sofala, que é a fronteira mais recuada desse território e o término da navegação das embarcações de Omã e de Siraf no Mar de *Zand* [...], região que produz ouro em abundância e outras maravilhas; o clima lá é quente e a terra fértil (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 6).

59

O rio que marca esse limite norte varia dependendo do autor que interpreta o texto, conforme especificado no início desse trabalho. Segundo al-Mas'udi, o “braço” é “apenas um canal que sai da bacia superior de *Zandj* e separa essa região das fronteiras habitadas pelas raças abissínicas. Sem esse canal, os vastos desertos e as areias móveis [as dunas], as hordas turbulentas e os inumeráveis *zandjs* teriam cassado os abissínios de sua região natal” (*Pradarias de ouro*, I,IX, p. 211).

60

Os limites da região dos *zandjs* são fornecidos também em outras passagens, por exemplo: “começa no canal derivado do Alto Nilo e se prolonga até o país de Sofala e dos *Waq-Waq*” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 6-7).

61

A narrativa dessa ocupação está relacionada à tradição religiosa da ascendência de diferentes povos a partir da progênie de Noé, muito antiga na literatura dos povos semitas, e remete pelo menos ao livro do *Gênesis* (V,32; VI,9-10).

De acordo com Tolmacheva (1986, p. 106), o registro mais antigo que possuímos sobre a genealogia dos *zandjs* está contido na obra *História*, de al-Ya'qubi⁶² – historiador iraquiano do século IX, viajante e funcionário do califado⁶³:

Os filhos de Kush e Cam, eles são *al-Habash* e *al-Sudan*⁶⁴, se dividiram após cruzar o Nilo do Egito. Um ramo foi para a direita, entre o Leste e o Oeste. Esses eram *al-Nuba*, *al-Buja*, *al-Habash* e *al-Zandj*. A outra parte foi para o Oeste.

Seguindo a mesma tradição, al-Mas'udi, escrevendo sobre a origem dos povos de pele negra, diz que os membros da “posteridade de Noé”, tendo se difundido sobre a terra, foram em direção ao ocidente e, após atravessarem o Nilo, se dividiram. Grande número deles seguiu para o oeste, enquanto os núbios, os *bedjah* e os *zandjs* “viraram à direita, entre o oriente e o ocidente” – ou seja, para o sul –, disseminando-se e formando “os *mékir*, os *mechkir*, os *barbara*⁶⁵ e outras tribos dos *zandjs*” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 1-2). A tradição está contida em outra obra do século X. Al-Maqdisi⁶⁶, historiador a

62

Ibn Waḍiḥ al-Ya'qubi. O título da obra, escrita em 897, é *Ta'rikh ibn Waḍiḥ*, e pode ser traduzido por *História de Waḍiḥ*, ou *Crônica de Waḍiḥ* (TOLMACHEVA, 1986, p. 106, nota 8; ANTHONY; GORDON, 2018, p. 9 e ss.).

63

Informações retiradas de Anthony e Gordon (2018, p. 9 e ss.).

64

Os *zandjs* são descritos nessa passagem como parte de um grupo de indivíduos denominados “abissínios” (*al-Habash*), ou “etíopes”, diferenciado dos *al-Sudan* (“de pele escura” que foram para o oeste), e, ao mesmo tempo, diferentes dos “abissínios” que povoaram o nordeste da África e de outros grupos – *al-Nuba* e *al-Buja* (TOLMACHEVA, 1986, p. 106). A tradução é de Tolmacheva (1986).

65

Barbara, segundo Tolmacheva, é uma população negroide, vizinha dos *zandjs* e dos abissínios (etíopes). Dependendo da fonte, podem fazer parte dos *zandjs* – porém, esses não são parte deles (TOLMACHEVA, 1986, p. 107). Contudo, no contexto do nordeste da África, comumente se refere às populações cuxitas da costa africana meridional do Mar Vermelho e da costa da Somália (TOLMACHEVA, 2015, p. 3). Já no contexto do norte da África, o termo refere-se ao *magrab*, ou *magrib* (o Magreb). O termo significa “poente”, o oeste (STEINGASS, 1884, p. 116, 1032; TOLMACHEVA, 2015, p. 3). O próprio al-Mas'udi procura dirimir uma possível confusão relacionada ao termo *barbara*: “Não se deve confundir esse território de *Barbara* com a região dos berberes, situada na região denominada *Ifrikayah*, região bem distinta dessa sobre a qual estamos falando, e que tem em comum com ela apenas o nome” (*Pradarias de ouro*, I,X, p. 231).

66

respeito de quem possuímos poucas informações, afirma que leu, “na tradução do Pentateuco, que Noé teve três filhos⁶⁷, Sem, Cam e Jafé, quando atingiu a idade de quinhentos anos [...]. Cam habita o sul; é dele a proveniência dos negros” (*O livro da criação e da história*, X, História dos sucessores de Noé até o tempo de 'Âd, p. 27-28). Ainda segundo al-Maqdisi, Cam se casou com Yakhleb, da sexta geração dos descendentes de Adão, e teve três filhos: “Kouch foi pai dos abissínios e dos habitantes do Sind e da Índia; Chanaan foi aquele dos negros, dos núbios, dos habitantes do Fezzan, dos *zandjs*, de Dhaghal, de Zaghawa e dos berberes. Fout foi o pai dos coptas” (*O livro da criação e da história*, X, História dos sucessores de Noé até o tempo de 'Âd, p. 28-29).

Al-Mas'udi discorre também sobre a política entre os *zandjs*, especificamente na ilha de Qanbalu, escrevendo que, após construir sua capital, “eles elegeram um rei que chamam de *Waklimi*. Esse nome [...] foi sempre aquele de seus soberanos. O *Waklimi* tem sob sua dependência todos os outros reis *zandjs*, e comanda trezentos mil cavaleiros” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 6). O termo *Waklimi* significa, de acordo com o autor, “filho do Senhor supremo”. O *Waklimi* é escolhido para governar “com equidade”, mas, se exercer “um poder tirânico e que se aparta das regras da justiça”, os *zandjs* o matam, excluindo, dessa forma, “sua posteridade da sucessão ao trono”⁶⁸. A realeza – o título de *Waklimi* –, prossegue al-Mas'udi, é transmitida entre a “população muçulmana” da “ilha de Qanbalu” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 29-31). Já em outro livro, al-Mas'udi denomina o rei dos *zandjs* de *Flimi* (*Pradarias de ouro*, I,XVI, p. 371)⁶⁹. Continuando, al-Mas'udi testemunha que:

Al-Mutahhar ibn Tahir al-Maqdisi foi um historiador do século X, sobre o qual quase nada é conhecido (KHALIDI, 1976, p. 2).

⁶⁷

Gênesis (V,32; VI,9-10).

⁶⁸

Segundo al-Mas'udi, os *zandjs* imaginam que um tirano deixa de ser o filho do Mestre, ou seja, o rei do céu e da terra” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 29-31).

⁶⁹

Na interpretação de Masao e Mutoro (2000, p. 598), os termos descritos por al-Mas'udi correspondem ao termo *mfalme* – plural *wafalme* – da língua bantu kiswahili.

os *zandjs* se exprimem com elegância e são oradores em sua própria língua. Frequentemente um devoto da região, colocando-se no meio de um grupo numeroso, dirige a seus ouvintes uma exortação na qual lhes convida a serem agradáveis a Deus e a se submeterem a suas ordens. Ele lhes apresenta a quais punições serão expostos por sua desobediência, e lhes recorda o exemplo de seus ancestrais e de seus antigos reis. Esses povos não têm códigos religiosos; seus reis seguem um costume e se adequam ao governo com algumas regras de política (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 30).

Citando Galeno, Al-Mas'udi assinala “dez propriedades particulares dos negros”:

os cabelos crespos, as sobrancelhas raras, as narinas dilatadas, os lábios grossos, os dentes agudos, o fedor da pele, a escuridão da tez, o comprimento dos pés e das mãos, o desenvolvimento das partes genitais e uma petulância excessiva (*Pradarias de ouro*, I,VII, p. 163-164).

Al-Mas'udi continua, dizendo que, ainda segundo Galeno, a “petulância excessiva” dos negros se deve “à organização imperfeita de seu cérebro, de onde resulta a fraqueza de sua inteligência”. Faz, então, seus próprios comentários: “A vivacidade do negro, o governo que o prazer tem sobre ele, e a petulância extraordinária que distingue os *zandjs* de todas as raças negras, têm inspirado em outros autores observações que inserimos em nossas obras precedentes”⁷⁰. Utilizando, então, a filosofia de al-Ya'qubi sobre a ação dos “corpos elevados [corpos celestes] sobre o nosso mundo”, procura razões para sua representação, afirmando que os *zandjs*, pelo fato de sua região ser muito quente (*Pradarias de ouro*, I,VII, p. 164-165),

os corpos celestes exercem sobre eles sua influência, e dirigem os humores para a parte superior do corpo. Daí os olhos expostos desses povos, seus lábios pendurados, seu nariz achatado e grande, e o desenvolvimento da cabeça,

70

Al-Mas'udi comenta sobre suas obras no início de *Pradarias de ouro* (I,I, p. 2-9).

de acordo com o movimento ascensional dos humores. A coluna perde seu equilíbrio, e a alma não pode mais exercer sobre ele sua ação completa; a onda das percepções e a ausência de toda ação de inteligência são a consequência. Tanto os antigos quanto os modernos têm discutido as causas da conformação dos negros e de sua posição em relação à esfera [celeste]; pesquisou-se se um dos sete planetas, o sol, a lua ou os cinco outros presidem às suas ações, e têm uma influência particular sobre seu nascimento e seu desenvolvimento físico. Mas nossa obra não sendo consagrada a esse gênero de estudos, não podemos relatar o que foi dito a esse respeito; o leitor encontrará em nossos *Anais* históricos as teorias e os argumentos que foram propostos; encontrará ainda a exposição do sistema desses astrônomos antigos e modernos que colocaram os negros sobre a ação de Saturno.

Al-Mas'udi fornece, em seguida, a “opinião de um poeta e astrólogo muçulmano”, seu contemporâneo, “bem instruído no que concerne às esferas”, o qual disse que Saturno é o “monarca poderoso” dos astros, e que seu “temperamento é negro e frio; negro como uma alma presa pelo desespero. Sua influência se exerce sobre os *zandjs* e os escravos, e também sobre o chumbo e o ferro”. Seguindo nessa linha, al-Mas'udi escreve que certo iemenita não tocou a carne de um animal morto por um *zandj*, porque “o *zandj* é um ser horrível”, e que um dos califas abássidas não aceitou nada da mão de um negro, “porque era um escravo horrível” (*Pradarias de ouro*, I,VII, p. 166)⁷¹. Al-Mas'udi cita, então, o livro de “Amr ibn Bahr al-Jahiz” (*Pradarias de ouro*, I,VII, p. 167), sobre o qual já comentamos, e que também contém percepções sobre os negros, as quais, ao contrário das de al-Mas'udi, são positivas. Mais à frente, ao discorrer sobre “a ciência da fisionomia”⁷², e repetindo uma visão presente em outros

71

Notar a recorrência das evidências da escravidão de pessoas provenientes do leste da África.

72

Escrevendo sobre “a ciência da fisionomia”, al-Mas'udi explica que “os tipos se distinguem pelas formas sob as quais se manifestam em tal e tal caso” e “as diferentes espécies se definem de acordo com as afinidades que apresentam com um tipo comum que lhes serve de modelo”, segundo o qual cada um dos indivíduos da espécie “carrega a marca característica”. Assim, “as relações de consanguinidade se estabelecem de acordo com a

autores, afirma que “a alegria é o privilégio dos habitantes de *zandj*” (*Pradarias de ouro*, III,LI, p. 338-339)⁷³. Em relação aos costumes, registra o que já havia sido anotado por al-Faqih, o hábito dos *zandjs* de andarem nus (*Pradarias de ouro*, II,XXXI, p. 383). A respeito dos hábitos alimentares, anota que em sua região existe o açafião (*Pradarias de ouro*, I,XVI, p. 367), e que eles comem banana,

que é tão abundante entre eles quanto na Índia. Mas a base de sua alimentação é a *dorrah* e uma planta chamada *kalari*, que se tira da terra como a trufa e a raiz de énula [...] Eles se nutrem também de mel e de carne. Cada um adora o que lhe apraz, uma planta, um animal, um mineral⁷⁴. Possuem um grande número de ilhas onde cresce o coqueiro, cujo fruto é um dos alimentos de todos os povos dos *zandjs* (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 30-31).

Percebe-se, a partir desse testemunho sobre o coco na alimentação de povos africanos, uma diferença em relação à visão de al-Faqir, pertencente à geração anterior à de al-Mas'udi, para quem “o vinho e o leite da noz de coco”

semelhança de uma raça com a outra, e com sua dissemelhança com as outras, seguindo as leis de afinidade que a natureza criou entre cada tipo, na sua maneira de ser, e o rosto que é a expressão”. Dessa maneira se distinguem os indivíduos da mesma raça – e esses entre si – daqueles de raças diferentes. “Tal é [...] o princípio sobre o qual repousa a ciência da fisionomia, que é um dos braços da filosofia” (*Pradarias de ouro*, III,LI, p. 336-337). Continuando, e acreditando em alguns filósofos antigos, “aquele que pratica arte da fisionomia deve prestar atenção ao pé, porque ele é a extremidade da forma e o ponto mais avançado do exterior”, de forma que “se um filho não se assemelha ao pai, seja em suas ações, seja na conformação de seu corpo, em geral, ele terá semelhança com ele no pé, porque a raça carrega com ela uma marca toda particular que não pode ser confundida com qualquer outra” (*Pradarias de ouro*, III,LI, p. 338-339).

73

Essa visão da “alegria” das populações africanas da costa leste é recorrente na História. Patterson (1907, p. 118-120), no final do século XIX, registra que os swahilis da costa do Quênia são “um povo descuidado, livre de ansiedades, improvidente e muito afeito às boas coisas desse mundo”, seus membros “desfrutando da companhia uns dos outros, totalmente, sempre que têm chance”, de forma que um swahili, no momento que se livra das cargas de mercadorias e provisões com as quais se bate para ganhar a vida, passa a “rir e cantar e contar piadas com seus companheiros como se fosse o mais feliz e mais sortudo mortal vivo”.

74

O testemunho sugere a presença de totemismo.

tornavam “insensatos” aqueles que os bebiam (*Livro das regiões*, A Síria, 118). Seguindo sua descrição dos costumes, al-Mas'udi diz que os *zandjs*:

utilizam o boi⁷⁵ como besta de carga, pois sua região não fornece nem cavalos, nem mulas, nem camelos, e nem mesmo se conhece esses animais. A neve e o granizo são desconhecidos por eles, assim como por todos os abissínios. Existem tribos entre eles que têm dentes muito agudos e que são antropófagas (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 6-7)⁷⁶.

Al-Mas'udi prossegue, fazendo a descrição física do território e comentando as relações comerciais dos *zandjs*. Segundo ele, os elefantes são caçados para retirada dos “dentes” – o marfim (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 7-8)⁷⁷:

Com efeito, é de sua região que provêm os dentes de elefante [...]. Eles [os marfins] vão usualmente para Omã, e são expeditos imediatamente para a China e para a Índia. Tal é a rota que eles seguem, e se não dão a eles essa destinação, o marfim seria muito abundante em regiões muçulmanas. Na China, os reis, os oficiais militares e civis se servem de assentos de marfim [...].

Continuando, comenta sobre o uso do marfim entre os *zandjs*, relatando que nas cerimônias religiosas eles o utilizam queimando “diante de seus ídolos e

75

“Os bois”, segundo al-Mas'udi, “são arreados como o cavalo e correm com a mesma velocidade” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 27).

76

É interessante notar que essa característica relativa aos dentes é comentada por colonizadores ingleses, no final do século XIX, como um costume entre os *wa taita*, povo de língua bantu que habitava os montes Taita, localizados no sul do Quênia, próximos à fronteira com a Tanzânia, cerca de 400 km da costa. Patterson (1907, p. 128), supervisor da construção de uma ferrovia, comenta que “o costume mais curioso da tribo é o alinhamento dos dentes frontais em pontas agudas, o que concede a todo o rosto uma expressão muito peculiar e, realmente, diabólica”.

77

Al-Mas'udi, familiarizado com o aproveitamento do elefante nos países da Ásia, comenta que entre os *zandjs* os elefantes não são utilizados “nem para a guerra e nem para outros usos, e se vão à sua caça, é para os matar” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 7).

incensando seus altares, como os cristãos empregam, dessa forma, em suas igrejas, o *incenso de Maria* e outros perfumes” (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 8-9). Apesar desses comentários – separando, portanto, claramente as práticas religiosas de outras práticas quaisquer –, mais à frente al-Mas'udi escreve que os *zandjs*,

ocupados quase todos os dias com a caça ao elefante e em recolher o marfim, não tiram, porém, nenhum partido dessa substância para seu uso doméstico. Eles empregam em sua joalheria o ferro no lugar do ouro e da prata (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 26-27).

Ainda sobre relações comerciais:

O melhor âmbar é aquele que se encontra nas ilhas e na costa do Mar de *Zandj*; é redondo, de um azul pálido, algumas vezes da grossura de um ovo de avestruz ou de volume um pouco menor. Existem porções que são engolidas pelo peixe chamado *el-aoual* [...]; quando o mar está muito agitado, ele vomita de seu ventre fragmentos de âmbar quase tão grossos quanto pedaços de rocha. Esse peixe lhes engole e morre estufado, e flutua em seguida sobre as ondas. Imediatamente, os homens de *Zandj* ou de outras regiões, que esperam sobre canoas o momento favorável, atiram no animal com arpões e cabos, furando seu ventre e retirando o âmbar (*Pradarias de ouro*, I,XVI, p. 334-335).

A respeito do comércio de peles na região dos *zandjs*:

a região dos *zandjs* fornece peles de panteras selvagens; os habitantes as usam para se vestir ou as expedem para a região muçulmana. São as maiores peles de panteras, e as mais belas para fazer selas⁷⁸ [...] “Exportam-se também, dessa região, cascos de tartaruga, com os quais se

78

Lembremos aqui do comentário de al-Faqir: “as pessoas do Magreb têm [...] panteras da região de *Zandj*” (*Livro das regiões*, Regiões orientais, 252).

fabricam pentes, da mesma forma que se empregam chifres para esse uso (III,XXXIII, p. 2-3).

Da mesma forma que al-Faqir, al-Mas'udi nos dá informações sobre a língua dos *zandjs*. Segundo al-Mas'udi, os *zandjs* denominam Deus como *Maklandjalou*, que significa 'o Mestre soberano' (Pradarias de ouro, III,XXXIII, p. 30). Al-Maqdisi – autor do qual já escrevemos –, aproximadamente no mesmo período, informa que os termos *Malakwî* e *Djalivî* significam, para os *zandjs*, "Senhor supremo" (*O livro da criação e da história*, II, Demonstração da existência de Deus e da unidade do Criador por razões conclusivas e argumentos causando uma conclusão necessária, p. 57). Conforme comentamos acima, esses termos, assim como *lamaklujlu*, fornecido por al-Faqir, são interpretados por Masao e Mutoro (2000, p. 598), de forma categórica, como sendo de origem bantu⁷⁹.

Próximo ao final do século X, em 987 ou 988 (377 AH), al-Nadim⁸⁰, estudioso e bibliógrafo de Bagdá, completou seu *Livro do catálogo* (*Kitab al-Fihrist*), obra enciclopédica e fonte de diversas informações sobre o mundo islâmico até o seu tempo (DODGE, 1970, xv-xxiii). Existem duas menções aos *zandjs* em al-Nadim, ambas referentes a livros de outros autores e relacionados à terceira revolta dos *zandjs* no Iraque – uma das revoltas às quais nos referimos ao comentar a obra de al-Jahiz. Um dos livros foi escrito por Shaylamah⁸¹ no final do século IX e intitulado *Relato sobre o chefe dos Zandjs e*

79

Al-Mas'udi escreve ainda que, em relação à defesa pessoal, os *zandjs* "fabricam escudos com o couro dos elefantes, da mesma forma que os indianos, mas esses escudos estão longe de serem tão sólidos como os que se fazem na China, no Tibete e entre os *bedjah*. O couro é inferior àquele que foi macerado no leite e a várias outras espécies de escudos" (*Pradarias de ouro*, III,XXXIII, p. 18).

80

Abu al-Faraj Muhammad ibn Ishaq al-Warraq. O nome Nadim ("companheiro"; "cortesão") é um apelido, relacionado ao fato do autor ter sido cortesão do Califado (DODGE, 1970, p. xv-xvi).

81

Segundo al-Nadim (*Livro do catálogo*, III,2, p. 279), seu nome era Muhammad ibn al-Hasan ibn Sahl, e Shaylamah era um apelido. O apelido está relacionado a uma possível aparência cruel ou ao nome de uma erva que causa reações físicas leves, segundo Dodge, em nota para a passagem (nota 119).

suas batalhas. Shaylamah provavelmente apoiou a revolta e, além disso, foi membro dos carijitas, ramo cismático do islamismo, sendo morto por causa disso (*Livro do catálogo*, III,2, p. 279). O outro livro, intitulado *Os zanjiyūn que estão causando conflito*, foi escrito pelo poeta ibn Bassam⁸² (*Livro do catálogo*, III,3, p. 328-329). A julgar pelo título, o livro foi escrito durante o período da revolta, entre 869 e 883 (255 e 270 AH).

Considerações finais

Procuramos aqui fazer um apanhado dos relatos árabes dos séculos IX e X a respeito da região leste da África, as *bilad al-Zandj*. O período recortado corresponde ao surgimento do que Hourani denominou de “mundo islâmico”, quando a língua árabe havia se tornado o veículo cultural para as boas letras, e quando surgem os primeiros registros árabes sobre a região africana em questão, visitada por navegantes provenientes dos califados. As viagens faziam parte do desejo de adquirir conhecimento, de forma que assistimos, assim, aos primeiros atos do processo de produção do que se tornaria a *rihla*, gênero literário que transcreve o ideal das viagens em busca de conhecimento através de sua narrativa escrita.

Os registros que aqui expomos, e seus autores, nos informam sobre as representações árabes dos povos do leste africano e de suas regiões, fornecendo um apanhado das percepções e práticas árabes, além de alguns traços culturais, sociais, religiosos e políticos dos povos africanos. Informam-nos também sobre as mudanças que as inter-relações entre árabes e africanos provocaram, por exemplo, no âmbito religioso.

É importante notar que no intervalo de tempo aqui recortado as terras africanas orientais eram governadas por africanos, mesmo aquelas cuja população – ou parte dela – havia adotado o islamismo. Segundo Masao e Mutoro (2000, p. 598), nenhuma das fontes textuais árabes antigas que tratam

82

⁸²Ali ibn Muḥammad ibn Naṣr ibn Maṣṣūr ibn Bassām.

do leste da África até o século XI mencionam grandes colônias ou povoações de pessoas provenientes das regiões muçulmanas não africanas. A região costeira é descrita como governada pela população local, *zandj*.

Atualmente, os povos com os quais os súditos dos califados se inter-relacionaram naquele período são identificados como pertencentes às populações de língua bantu, e essas inter-relações provavelmente aconteceram desde as primeiras décadas do islamismo, como atestam as revoltas de escravos provenientes do leste da África, ocorridas no Iraque no século VII. Esses contatos resultaram em um processo que originou, gradualmente, uma cultura muçulmana proto-swahili, evidenciada nos registros arqueológicos em localidades como Kilwa, na costa da atual Tanzânia, e em outros sítios (SAAD, 1979, p. 180).

No século X, a ascensão do Cairo como centro de comércio e domínio muçulmano, combinada com uma demanda crescente das cidades mercantis da Itália, deu início a uma relativa mudança de centralização comercial, do Golfo Pérsico para o Mar Vermelho (HOURANI, 2016, p. 72). Porém, essa mudança não diminuiria o ímpeto das viagens em busca de conhecimento.

José Guilherme Rodrigues da Silva é geólogo, graduado pela Universidade de Brasília (UnB). Possui mestrado em Estratigrafia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), e mestrado em História, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente é doutorando em História, pela UFES.

REFERÊNCIAS

Documentação primária

AL-JAHIZ. *Book of the glory of the black race*. Tradução de Simon Starr. Create Space Independent Publishing Platform, 2015.

AL-JAHIZ. *On the Zanj* ["Black Africans"]. Medieval sourcebook: Abû Ūthmân al-Jâhiz: from the Essays, c. 860 CE. In: HALSALL, Paul (Ed.). Internet History Sourcebook Project. Fordham University, 1998. Disponível em: <<https://sourcebooks.fordham.edu/source/860jahiz.asp>>. Acesso em: 31 out. 2018.

AL-NADIM. *The Fihrist of al-Nadim*. A tenth-century survey of Muslim culture. Volume I. Edição e tradução de Bayard Dodge. New York: Columbia University Press, 1970.

AL-TABARI. *The History of al-Ṭabarī*. Ta'rikh al-rusul wa'l-mulūk. Volumes XXXVI (The 'Abbāsīd recovery) e XXXVII (The revolt of the Zanj). Tradução de David Waines e Philip M. Fields e notas de David Waines e Jacob Lassner. Albany: State University of New York Press, 1987-1992. Disponível em: <<https://archive.org/>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

BOZORG IBN CHAHRIYÂR AL-RÂMHORMOZ. Livre des merveilles de l'Indie. Par le capitaine Bozorg fils de Chahriyâr de Râmhormoz. Texte arabe publié d'après le manuscrit de M. Schefer, collationné sur le manuscrit de Constantinople. Colaço e tradução de P. A. Van der Lith. Tradução para o francês de L. Marcel Devic. *M. H. Historical Series, n. 10*. Leiden: E. J. Brill, 1883. Disponível em: <<https://archive.org/>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

EL-MAQDISI. Le livre de la création et de l'histoire. Tomes premier et troisième. *Publications de l'École des Langues Orientales Vivantes, 4^a série, vol, 16*. Texto e tradução de M. Cl. Huart. Paris: Ernest Leroux, Éditeur, 1899-1903.

IBN AL-FAQĪH AL-HAMADĀNI. *Abrégé du Livre des pays*. Tradução de Henri Massé. Damas: Institut Français de Damas, 1973. Disponível em: <<https://books.openedition.org/ifpo/>>. Acesso em: 1 nov. 2018.

IBN BATTUTA. Travels in Asia and Africa. 1325 – 1354. In: ROSS, E. Denison; POWER, Eileen (Eds.). *The Broadway travellers*. Tradução, seleção, introdução e notas de H. A. R. Gibb. London: Routledge and Kegan Paul Ltd., 1929. Disponível em: <<https://archive.org/>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

MAÇOUDI. Les prairies d'or. Tomes premier-troisième. *Collection d'Ouvrages Orientaux*. Texto e tradução de C. Barbier de Meynard e Pavet de Courteille. Paris: Société Asiatique/Imprimerie Impériale, 1861-1864.

Obras de apoio

ANTHONY, Sean; GORDON, Matthew S. Ibn Waḍiḥ al-Ya'qubi: a biographical sketch. In: GORDON, Matthew S.; ROBINSON, Chase F.; ROWSON, Everett K.; FISHBEIN, Michael (Eds.). *The works of Ibn Waḍiḥ al-Ya'qubi*. Leiden: Brill, 2018. p. 9-22.

BOSWORTH, C. E. 'ajam. In: *Encyclopaedia Iranica*, v. 1/7. New York: Columbia University Center for Iranian Studies, 1984. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

CANARD, M. Ikrīṭīsh. In: LEWIS, B.; MÉNAGE, V. L.; PELLAT, Ch.; SCHACHT, J. *The Encyclopaedia of Islam*. Volume III. H-IRAM. Leiden: E. J. Brill, 1986.

DODGE, Bayard. Introduction. In: AL-NADIM. The Fihrist of al-Nadim. A tenth-century survey of Muslim culture. Volume I. Edição e tradução de Bayard Dodge. New York: Columbia University Press, 1970. p. xiii-xxxiv.

EUBEN, Roxanne L. *Journeys to the other shore*. Muslim and western travelers in search of knowledge. Princeton: Princeton University Press, 2006.

HOLY BIBLE. NRSV. New Revised Standard Version. San Francisco: Harper One, 1989.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Tradução de Marcos Santarrita. 4. reimp. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., [1991] 2016.

KHALIDI, Tarif. Mu'tazilite historiography: Maqdisi's Kitab al-Bad' wa'l-Ta'rikh. *Journal of Near Eastern Studies*, v.35, n. 1. Chicago: The University of Chicago Press, 1976. p. 1-12.

LE STRANGE, Guy. The lands of the Eastern Caliphate. Cambridge: Cambridge at the University Press, 1905. Disponível em: <<https://archive.org/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MASAO, F. T.; MUTORO, Henry Wangutusi. The East African coast and the Comoro Islands. In: EL-FASI, M. *General History of Africa*. 3. Africa from the Seventh to the Eleventh century. 2. reimp. Paris: Heinemann/UNESCO, 2000. p. 586-615.

MEYNARD, C. Barbier; COURTELLE, Pavet. Avant-propos des éditeurs. In: MAÇOUDI. Les prairies d'or. Tome premier. *Collection d'Ouvrages Orientaux*. Texto e tradução de C. Barbier de Meynard e Pavet de Courteille. Paris: Société Asiatique/Imprimerie Impériale, 1861. p. i-xii.

MUHAMMAD, Akbar. The image of Africans in Arabic literature: some unpublished manuscripts. In: WILLIS, John Ralph (ed.). *Slaves and slavery in Muslim Africa*. Volume 1. Islam and the ideology of enslavement. London: Routledge, 1986. p. 47-74.

NETTON, I. R. Riḥla. In: BOSWORTH, C. E.; VAN DONZEL, E.; HEINRICHS, W. P.; LECOMTE, G. *The Encyclopaedia of Islam*. Volume VIII. NED-SAM. Leiden: E. J. Brill, 1995.

PATTERSON, John Henry. *The man-eaters of Tsavo and other East African adventures*. Prefácio de Frederick Courteney Selous. London: MacMillan and Co., Limited, 1907.

PELLAT, Charles. *Le milieu basrien et la formation de Ġāḥiz*. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien-Maisonneuve, 1953. 311 p. Tese de Doutorado em Letras, Faculté de Lettres, Université de Paris, Paris, 1953.

PINGREE, David. The fragments of the works of Al-Fazari. *Journal of Near Eastern Studies*, v.29, n. 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1970. p. 103-123.

POPOVIC, A. Al-Zandj. 2. The Zandj revolts in 'Irāk. In: BEARMAN, P. J.; BIANQUIS, Th.; BOSWORTH, C. E.; VAN DONZEL, E.; HEINRICHS, W. P. *The Encyclopaedia of Islam*. Volume XI. W-Z. Leiden: E. J. Brill, 2002.

ROSENTHAL, Franz. In: The life and works of al-Ṭabarī. AL-TABARĪ. *The History of al-Ṭabarī*. Ta'rikh al-rusul wa'l-mulūk. Volume I. General introduction and From the Creation to the Flood. Tradução e notas de Franz Rosenthal.

Albany: State University of New York Press, 1989. p. 5-134. Disponível em: <<https://archive.org/>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

SAAD, Elias. Kilwa dynastic historiography: a critical study. *History in Africa*, v. 6. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 177-207.

STEINGASS, Francis Joseph. *The student's Arabic-English dictionary*. London: Crosby Lockwood and Son, 1884.

TOLMACHEVA, Marina. On the Arab system of nautical orientation. *Arabica*, t.27, f. 2. Leiden: Brill, 1980, p. 180-192.

TOLMACHEVA, Marina. The Indian Ocean in Arab geography. Transmission of knowledge between formal and informal geographical traditions. *Terra Brasilis*, v.6. São Paulo: Laboratório de Geografia Política-USP, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, 2015, p. 1-12. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

TOLMACHEVA, Marina. Toward a definition of the term Zanj. *Azania: Archaeological Research in Africa*, v.21, n. 1. London: Taylor and Francis, 1986, p. 105-113.

VAN DER LITH, P. A. Préface. In: AL-RAMHORMUZI. Livre des merveilles de l'Indie. Par le capitaine Bozorg fils de Chahriyâr de Râmhormoz. Texte arabe publié d'après le manuscrit de M. Schefer, collationné sur le manuscrit de Constantinople. Colaço e tradução de P. A. Van der Lith. Tradução para o francês de L. Marcel Devic. *M. H. Historical Series*, n. 10. Leiden: E. J. Brill, 1883. p. v-xiv. Disponível em: <<https://archive.org/>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

VAN LAER, Zacharias. Ibn al-Faqîh et le Livre des pays. *Arabica*, t. 31, f. 1. Leiden: Brill, 1984, p. 69-79.